



RONALDO JUNQUEIRA  
Editor-Geral

## QUEM ANDOU FECHANDO A DEMOCRACIA

**P**or que Capital da Abertura?

E muito simples. Aqui é que foram dados os passos decisivos para a liberalização recente do regime e trancada a rede de sustentação entre os homens do governo e do parlamento, no grande acordo urdido ainda à sombra do autoritarismo do AI-5. Foi em Brasília, que Petrônio Portella passeou sua competência em mão dupla entre os palacianos de Geisel-Golbery e um Congresso sofrido, mas rebelde e apressado.

O que buscamos é resgatar, com a presente edição, o compromisso democrático que esta cidade sempre teve, mas que certa imprensa do "exterior" sempre insistiu em culpá-la pelos desmandos autoritários, esquecendo-se talvez que os homens que empunharam os atos de exceção eram exatamente oriundos desse mesmo "exterior". Brasília, uma realidade cultivada e detectada pelo *Correio Braziliense* há 23 anos, nunca teve vocação autoritária. Que o diga o Sr. Jânio Quadros, que foi por ela expelido, quando aqui aportou com irrefreável vocação de capitão do mato.

Os atentados contra os procedimentos democráticos nessas duas últimas décadas não tiveram em Brasília sua fonte inspiradora. A cidade foi e tem sido (e esta é sua função) desaguadouro de pressões, justas ou não, surgidas ao longo da intrincada geografia que chega aos centros do poder. Basta lembrar que até mesmo os AIs foram elaborados e comunicados ao País a partir do Rio de Janeiro. Brasília apenas sofreu as consequências de ver o Congresso fechado, com profundos reflexos na sua vida econômica e até mesmo mundana. Foram tempos difíceis, pois a sortida obscurantista não mexeu apenas com a cabeça do brasiliense, mas teve a ver com seu próprio bolso, já que houve um arrefecimento geral dos negócios. O resto do País, é bom lembrar, já vivia os bons tempos do "boom" econômico do medicismo.

Até quando será preciso dizer que Brasília é uma cidade fruto da vontade dos homens de conquistar o País, mas que não foi concebida para aprisioná-los? Alegam seus críticos que ela é fria e distante do resto da Nação. Grossa mentira. Ela é apenas um somatório das vontades nacionais. Ela busca refletir a média do País. Não é e nunca será o "país", como acontece com Paris, Buenos Aires e Londres.

Quanta imbecilidade se tem escrito sobre a falta de esquinas, de alma

enfim, desta cidade. Basta folhear esta edição para ver que ela já exerce na plenitude sua vocação de pro-

porcionar vida ativa a sua popula-

ção. Se não, como explicar que par-

lamentares e funcionários graduados do governo aqui permanecem ao

fim dos seus mandatos e missões?

E preciso não confundi-la com aqueles que, como diria nosso editor de cidade, por aqui circulam como se estivessem passando por uma es-

tação espacial.

O *Correio Braziliense*, que acompanha Brasília desde o primeiro dia,

só para dar um exemplo, está se in-

tegrando à vocação nacional da ci-

dade, ampliando de modo substancial sua circulação a todo o País.

Achamos que é nossa obrigação desmistificá-la, integrá-la, à vida

nacional. E um processo de mão du-

pla, obrigação natural de um veículo

criado com vocação pioneira.

O trabalho que hoje entregamos

aos nossos leitores, em especial aos

novos congressistas, busca refletir a

nova realidade política brasileira e

estabelecer claramente a relação da

cidade com seus centros de poder.

Buscamos também a alma de

Brasília, que vai muito além das

corriqueiras realidades geradas a

cada instante no Planalto e no Con-

gresso.

A própria questão da representa-

ção política da cidade, que inexiste,

precisa ser repensada à luz do pro-

cesso de abertura política. Aqui vi-

vem 1 milhão e trezentas mil pes-

soas que, ao contrário do que muita

gente pensa e diz, gostam muito da

cidade e estão preocupadas com

seus destinos.

A cidade, a exemplo de outras me-

trópoles brasileiras, também inchou

e sofre as consequências de um ace-

lerado processo de migração, com

sua capacidade de oferecer serviços

íntimos (ainda os melhores do

País) sendo desafiada constantem-

ente.

Brasília nasceu e mantém a voca-

ção do País do futuro e realmente

não está vocacionada para as con-

cessões ao subdesenvolvimento

político e cultural. Sua missão, her-

dada dos fundadores, é ajudar na lu-

ta contra o atraso que muitos tei-

mam em impingir ao País.

Que a "capital da abertura" cum-

pra sua missão é nosso propósito

com essa edição voltada preferen-

cialmente à classe política. O que

de opiniões expressas por nossos co-

laboradores da hemeroteca do qual

to caminharmos rumo à consolidação

da democracia, este sim, um proce-

ssão surgido e comandado a partir des-

ta cidade.